



V Jornada Brasileira de Sociologia

Desafios, dilemas e oportunidades nas sociedades democráticas

Novembro, 2017, Pelotas/RS

GT 01 – Identidades, diferenças e desigualdades em debate

Corpos, sexualidades e intimidades femininas na Era digital: Uma análise dos canais de YouTube JoutJout Prazer, Rayza Nicácio e Ana de Cesaro.



Corpos, sexualidades e intimidades femininas na Era digital: Uma análise dos canais de YouTube JoutJout Prazer, Rayza Nicácio e Ana de Cesaro.

Eduarda Damé¹

Esta pesquisa objetiva refletir sobre a construção dialógica das feminilidades nas redes sociais, mais precisamente na plataforma YouTube. Esta plataforma foi lançada em 2005, e seus usuários relacionam-se a partir de publicações de conteúdos audiovisuais. Além disso, o YouTube possibilita com que, a partir de seus canais e dos conteúdos oferecidos, os youtubers exponham suas vidas, ideias e gostos, criando e trocando significações, identificações, conceitos e visões com a audiência. Pretende-se investigar esta forma de comunicação e suas implicações nos processos identitários femininos considerando sua relação com as práticas performativas que envolvem os corpos, as sexualidades, assim como a própria intimidade feminina na era digital. Como ferramentas metodológicas, se utilizará a etnografia online, a análise de discurso de vídeos e comentários dos canais JoutJout Prazer, Rayza Nicácio e Ana de Cesaro. Com base nestes canais observaremos a construção dialógica identitária de youtubers e público, fundamentando estas análises em uma perspectiva interseccional. Desta forma, diferentes fatores constituintes dos processos identitários serão considerados, tais como gênero, “raça”, classe social, dentre outros.

Palavras-chave: YouTube; era digital; interseccionalidades; identidade;

¹ Mestranda em sociologia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Bolsista CAPES. dameduarda@gmail.com

Introdução

Esta pesquisa tem como objetivo investigar e refletir a respeito das trocas e práticas que ocorrem entre youtubers brasileiras e inscritas a respeito de suas experiências, representações e processos identitários, no âmbito do ambiente online. A partir da investigação e problematização sobre as representações, regulações e ressignificações de identidades das feminilidades de youtubers brasileiras e inscritas, no advento da Era digital, busca-se analisar interseccionalmente: as práticas performativas (discursivas, corporais e sociais) presentes e expostas em conteúdos audiovisuais nos canais das youtubers citadas; as práticas performativas (discursivas, corporais e sociais) expressas pela audiência destes canais (inscritos); a interação entre youtubers e seus públicos, a partir das identidades de feminilidade, no que tange as trocas de experiências, informações e opiniões entre ambas, refletindo a ressignificação de padrões (ou não) e representações do feminino;

Como ferramentas metodológicas, pretende-se utilizar da etnografia online, a análise de discurso em vídeos e comentários dos canais JoutJout Prazer, Ana de Cesaro e Rayza Nicácio. A respeito destes canais que serão estudados, trago uma breve apresentação de dados coletados em pesquisas exploratórias: JoutJoutPrazer (1,151,205 inscritos) , é o canal de Julia Tolezano. Julia é autora do livro "Tá todo mundo mal", que fora lançado em 2016. A youtuber é mais conhecida como JoutJout, e oferece vídeos de "empoderamento feminino" (sua fama se deu devido a um vídeo sobre relacionamentos abusivos intitulado "Não tira o batom vermelho"), também destaca-se por gravar vídeos sem maquiagem, e sem outras preocupações estéticas; Rayza Nicácio (1,238,993 inscritos), é o canal da blogueira de mesmo nome, de 23 anos, cristã e negra. Rayza produz vídeos sobre a beleza negra, principalmente em relação aos cabelos afro. Ficou conhecida por ser uma das primeiras mulheres brasileiras a expor na internet o seu processo de aceitação ao cabelo afro e transição do alisamento aos cabelos naturais. Em 2017, Rayza gravou um vídeo de publicidade se assumindo como uma mulher negra, fator importante para suas inscritas; Ana de Cesaro (144,600 inscritos), dona do antigo blog Tá e daí? que, atualmente, se intitula Ana de Cesaro, e autora do livro "Tá, e daí?: A vida por mim", publicado em 2015. É uma mulher branca, gaúcha e feminista, destaca-se por representar a "categoria" de mulheres plus size. Ana produz vídeos sobre empoderamento feminino e, embora represente a classe plus size, ela também é conhecida pelo Projeto Ana Gostosa, onde divide seu processo de emagrecimento com o público.

Se considera, com essa pesquisa, que a Era digital proporciona um espaço “público” mais acessível ao “privado” ou uma problematização de uma divisão estanque de tal dicotomia, e que, nesse contexto, assim como Hall (2015) considera os sujeitos atuais como examinadores e desprendidos de identidades fixas, os fenômenos de reflexividade e ressignificação dos processos identitários ganham um novo peso, um novo significado. Para tanto, e com intuito de melhor compreender esse fenômeno social e cultural tão contemporâneo, almeja-se a realização deste estudo.

Construindo identidades dialógicamente

A intensificação do desenvolvimento das mídias digitais, assim como de sua imbricação no cotidiano são aspectos que não podem passar despercebidos ao se refletir sobre a sociedade atual. É importante considerarmos que a própria vida cotidiana se transforma com os usos – cada vez mais intensos – das novas tecnologias. “No entanto, resulta uma falácia acreditar que as plataformas não fazem mais que facilitar as atividades em rede; pelo contrário, as plataformas e as práticas sociais se constituem mutuamente.” (DIJCK, 2016, p. 21, tradução minha). De fato, as mídias digitais tornam-se, entre outras coisas, pontos e espaços de socialização e representação.

Para além das modificações nos aparelhos tecnológicos e nas ferramentas de socialização, a própria internet sofreu modificações ao longo dos anos – tanto no sentido de oferecimento de recursos, quanto na disposição dos usos (fatores que se relacionam, obviamente). Essa modificação da internet é geralmente identificada e classificada em dois momentos: Web 1.0 e Web 2.0. Santos e Cypriano (2014) as separam em dois grupos: a web instrumental, que ganhou a qualificação de Web 1.0, cuja utilização é, como sugere o nome, fundamentalmente instrumental (ou seja, ela é utilizada como instrumento de atividades específicas, como meio de consumo ou de trabalho, transmissão de dados e informações por e-mail, etc), e a web 2.0, que é referida como a web social. Segundos os autores,

(...) a web 2.0, eventualmente chamada de segunda geração da internet, é basicamente caracterizada pela participação dos usuários, pela sua abertura para utilização e pelos efeitos de rede que produz. A participação se dá por meio de um sistema que estimula as relações, os compartilhamentos e as trocas entre os internautas, isto é, um sistema que incita a colaboração de quem quer que esteja disponível para entrar em interação com outros por intermédio da plataforma. (SANTOS; CYPRIANO, 2014, p.64)

Com efeito, as mídias digitais são cada vez mais acessadas e possuem cada vez maior relação com as esferas da vida social. Em mesma medida, os indivíduos utilizam-

se dos recursos tecnológicos com maior frequência, alimentando uma rede social no ambiente online, ainda que esta prática seja associada a uma nova faceta da individualidade. Não apenas a própria individualidade passa a ter um novo significado – à medida que a individualidade offline está relacionada a uma sociabilidade online, ainda que online e offline não sejam características, de fato, antagônicas –, mas a própria relação entre privado e público passa a ser renovada. Questões individuais, subjetivas, particulares, passam a ser expostas e divulgadas em um ambiente público, que é o ambiente online.

No conjunto de novas plataformas de mídia digital, daremos maior enfoque à plataforma YouTube. O YouTube foi lançado no ano de 2005, com ênfase na interação de seus usuários a partir da produção e publicação de conteúdos audiovisuais. Ainda que possibilite a interação dos usuários e dos produtores de conteúdo (seja por comentários, inscrição em canais ou análise de vídeos), o que possibilita compreender essa plataforma como uma espécie de rede social, é importante ressaltar que seus usuários podem se tornar produtores de conteúdo (de fato, youtuber passa a ser uma nova profissão). O site também possibilitou "funções básicas de comunidade" (BURGESS; GREEN, 2009, p. 17-18), tornando possível com que os usuários se relacionassem como "amigos" (ou "inscritos").

A recepção possui um papel essencial para a manutenção dos canais do YouTube, para seu crescimento e popularidade. O contexto do YouTube, assim como da própria web, possibilita a formação e troca de grupos a partir da identificação – de gostos, de experiências, sentimentos, entre outros. Esses fatores interativos são importantes para que possamos buscar uma compreensão deste contexto de trocas a partir de “exposições de eu”, à medida que se dão como ferramenta para a própria construção dos sujeitos.

Ademais, cabe-nos, para além das contextualizações a respeito das mídias e da própria plataforma do YouTube, o levantamento de algumas questões quanto aos estudos de identidade e aos estudos de identidade de gênero.

A concepção de “identidade” tem sido reformulada e desessencializada, à medida que uma gama de fatores que a constituem (como cultura, práticas sociais, discursos e símbolos) passam a ser compreendidos de forma inter-relacional e flexível. Para além do âmbito acadêmico, essa reformulação também tem sido vivenciada nas próprias relações sociais. Notavelmente, as relações sociais têm importante papel para a constituição das identidades. Pois, é a partir da interação social, do reconhecimento de

um eu e de um outro, que as identidades são construídas e exploradas. É a partir disso que nos propomos a refletir sobre os processos identitários e suas ressignificações considerando as interações sociais nas mídias digitais, tendo como enfoque a plataforma YouTube. Refiro-me a processos identitários, considerando o desenvolvimento e formação da identidade como sugerido: um processo. Ainda mais, um processo dialógico de construção, onde a relação com o outro, as experiências, a própria vida social, têm papel fundamental. Assim, reforço que a identidade está em constante transformação, reavaliação e construção; e que não surge a partir de um contexto individualizado, mas coletivo.

Podemos considerar as mídias como espaços sociais que possibilitam e facilitam tanto os processos de identificação quanto a interação entre o público e o privado. Ao tratarmos de processos identitários que envolvem gênero, precisamos destacar que foram os estudos feministas que trouxeram a reflexão de que "gênero" é uma construção social, variável historicamente, e que configura uma série de normas, padrões e exigências. Em outros termos, ainda que constituído e regulado no interior de uma estrutura rígida, não sendo uma determinação biológica, pode ser reformulado ao decorrer do tempo e da história. Considerar gênero como fator histórico é reconhecer que a história, as subjetividades e os comportamentos vividos em determinados contextos, épocas e momentos terão influência no significado social nele imbricado.

Em uma elaboração mais contemporânea, Judith Butler (2003) considera que o gênero é performativo, ou seja, ele se manifesta a partir da estilização do corpo, sendo criado através de atos repetidos em um quadro regulatório social. Considerando, portanto, as normas de gênero como aspecto fundamental, Butler salienta que o gênero é um fazer, envolve uma performance, ele não é algo dado de uma vez por todas. A respeito disso, Butler (2003) ressalta que não existe um ser de gênero propriamente dito, um núcleo pré-cultural que possa ser liberto dessas construções e influências para ser ele mesmo, embora se possa, sim, deslocar de determinados padrões e realizar certos desvios às estruturas.

Recuperando a reflexão da autora em termos butlerianos, para "ser mulher", diferentes práticas performativas e regulatórias – sejam elas discursivas, corporais, sociais, dentre outras – são realizadas. De fato, a “feminilidade” é uma forma de regulação e padronização da identidade de gênero, à medida que diferentes essencialismos são expostos e reforçados midiaticamente e socialmente. A própria representação midiática a respeito do feminino expõe as formas de identificação e

referência do processo identitário das mulheres. Assim, percebemos o corpo feminino objetificado, os padrões de beleza inalcançáveis, os comportamentos, valores e dotes necessários para que se atinja o "ideal de mulher".

Sem dúvida, o YouTube é um dos espaços virtuais do qual se pode tomar como exemplo a respeito da performatização do “feminino” ou “dos tipos de feminino”. A troca entre mulheres, a partir do conteúdo audiovisual, expressa essa ampliação das referências femininas, assim como a própria prática de questionamento quanto a padrões normativos do feminino. No entanto, essa dinâmica se mostra também complexa onde, em mesma medida, existe a busca de uma nova materialização de uma “imagem do feminino” ou da “feminilidade”, para uma concepção plural dos mesmos (ou seja, “imagens do feminino” e “feminilidades”); e o reforço e a regulação de práticas que alimentam os antigos e conhecidos padrões.

Refletindo identificações femininas na era digital

A etnografia constituirá na imersão da pesquisadora no espaço online pesquisado, que é a plataforma YouTube – ainda que considerando demais plataformas, meios e mídias do qual essas youtubers e audiência se comunicam –, afim de buscar compreender suas práticas, interações, valores e trocas. A própria diferença de audiência e de relevância no YouTube se torna um desafio e um ponto interessante para a pesquisa, por exemplo: ainda que Ana de Cesaro seja a youtuber mais antiga das três youtubers citadas aqui, porque o canal dela é o com menor audiência? O que fez, por exemplo, com que o canal da JoutJout tenha crescido tão rapidamente? Quais são os discursos e as práticas performativas que movimentam maior grupo mulheres como audiência?

Para exemplificar algumas dessas questões, trarei dois discursos destas youtubers, em conjunto com os comentários mais relevantes dos mesmos. Em seus discursos, refletem sobre as práticas corporais relacionadas à identidade de gênero e identidade racial, fatores que ilustram parte dos questionamentos realizados pelas mulheres no ambiente online. O primeiro discurso é um fragmento do vídeo “Como minhas celulites ajudaram meus mamilos”² da youtuber Júlia Tolezano, dona do canal JoutJout Prazer, publicado dia 3 de novembro de 2015:

Um dia eu estava no metrô esperando Caio porque ele ia trocar um jogo com um sujeito aí. Eu tava lá esperando ele num banquinho que tem no metrô, só

² Visualizado por 751,757 mil pessoas, com avaliação de 58 mil “curti” e 299 “não curti”. Verificado em 12/10/2017.

que estava um calor horrível e eu estava com um shortinho curtinho, soltinho, e aí eu cruzei a minha perna e no que eu fiz isso minha mão automaticamente foi prum canto aqui da minha coxa que é muito cheio de celulite. Eu senti as celulites todas e aí eu tive um momento mágico. Por que, qual seria a minha reação(...)? Catar um casaquinho qualquer que tivesse ali na hora e cobrir a minha perna. Por quê? Não sei porque. Aí eu pensei: não sei porque que eu faço isso, de cobrir minha perna com um casaquinho. Eu tenho medo do quê? Dos outros verem as minhas celulites, um monte de gente que nem conheço. (...) Aí eu falei: “gente, eu tô há mais de 10 anos escondendo minhas celulites do mundo com casaquinho”, e esse é exatamente o mesmo motivo de eu usar sutiã de bojo sem necessidade, porque meus peitos não precisam de um bojo. (...) E aí, quando eu tive essa revelação no metrô, eu tava com minha perna cruzada, senti minha celulite, procurei um troço pra cobrir minha celulite, me perguntei por quê eu estava procurando um troço pra cobrir minha celulite, e quando me dei conta desse show que eu estava fazendo que não tinha necessidade nenhuma, relaxei. Sentei assim pra trás e fiquei assim olhando a galera no metrô, me sentindo maravilhosa, me sentindo dona do meu corpo. (Transcrição minha)

Esse discurso nos auxilia a refletir como questões de gênero e identificação estão sendo expostas e refletidas no espaço do Youtube. De fato, o corpo se mostra como uma ferramenta importante de socialização, representação e socialização. Para além, o quanto está envolvido com a relação social e o quanto esta mesma relação interfere no processo identitário. Como reflete Bordo (1997),

O corpo — o que comemos, como nos vestimos, os rituais diários através dos quais cuidamos dele — é um agente da cultura. Como defende a antropóloga Mary Douglas, ele é uma poderosa forma simbólica, uma superfície na qual as normas centrais, as hierarquias e até os comprometimentos metafísicos de uma cultura são inscritos e assim reforçados através da linguagem corporal concreta. (BORDO, 1997, p.19)

Durante seu vídeo, Júlia traz dois aspectos a respeito do corpo: as celulites, e os peitos pequenos. Esses assuntos, e a forma como ela questiona e se relaciona com o próprio corpo tornam-se ferramenta de interação e de construção dialógica entre internautas brasileiras. Essa interação é perceptível a partir dos comentários e das conversas criadas a partir do relato de Julia. Trago como exemplo, os dois comentários mais relevantes deste vídeo, que são:

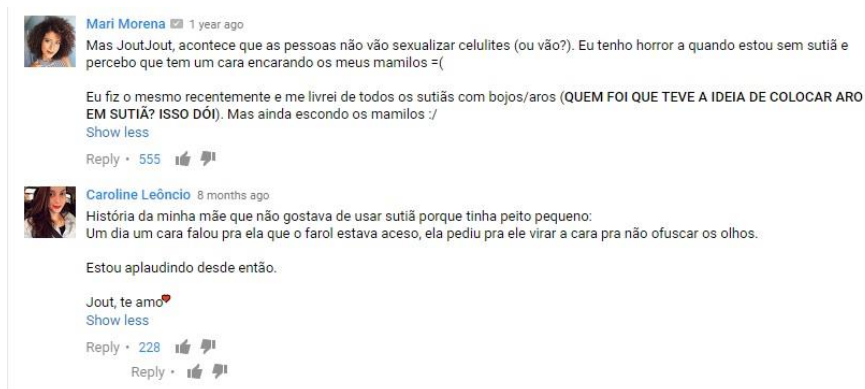


Figura 1 Primeiro comentário avaliado com 555 "curti" e o segundo com 228 "curti".

O segundo discurso foi retirado do vídeo “Quando me reconheci como negra...”, publicado no dia 19 de janeiro de 2017, no canal Rayza Nicácio. Este vídeo foi patrocinado por uma marca de canetas (o chamado “publi”), fator importante para sua reflexão. Para contextualizá-lo, cabe dizer que, ainda que muitas de suas inscritas fossem mulheres negras que aderiam a prática corporal de alisar os cabelos cacheados, a youtuber não relacionava o fator racial como importante no seu debate. De fato, no ano de 2014, em parceria com o youtuber Felipe Neto, Rayza gravou um vídeo intitulado “Ditadura da beleza - Não faz sentido debate - Rayza Nicácio”, para o canal do colega. Neste vídeo percebemos o seguinte diálogo:

Felipe Neto: Então, Rayza, vamos começar pelo tema mais polêmico... Você é negra? Ou você é mulata? Ou não tem diferença?

Rayza: Cara, eu não consigo falar “eu sou negra”, “eu sou mulata”. Minha cor de pele é parda, mas eu tenho características negras.

Após a publicação do vídeo, o público de Rayza a questiona e critica. Com efeito, a interação com o público notavelmente possibilitou a youtuber a ter acesso a diferentes depoimentos e opiniões, de forma a possibilitar com que fizesse suas próprias reflexões a respeito de sua identidade. É importante considerarmos que a dinâmica do YouTube possibilita que, ainda que o depoimento do conteúdo audiovisual esteja em destaque, os comentários realizados pelo público possibilitam debates, trocas e questionamentos. Isso permite com que o espaço para reflexão seja não apenas por ou para os produtores de conteúdo, mas também para quem consome esses conteúdos. Assim, no vídeo “Quando me reconheci como negra...”³, Rayza diz:

Eu lembro que na maior parte do tempo, na minha vida, eu tentei ser uma pessoa totalmente diferente de mim e me inspirava em pessoas totalmente opostas de mim. Tive muitos conflitos em relação ao meu cabelo, ao meu tipo de corpo... Não à cor da minha pele. Pra eu chegar aos conflitos sobre a cor da minha pele demorou um pouquinho, porque ninguém nunca falava sobre isso comigo, sabe? A cor da minha pele era “aceita” e não era questionada. Mas, mesmo assim, eu me lembro de quando eu era pequena. E o meu irmão é mais claro do que eu, um pouquinho, e quando era pequena, eu falava pra minha mãe: “mãe, porque que o Jonatas é branquinho e eu tenho a pele mais escura que a dele?” E o que responder para uma criança? Ninguém nunca tinha conversado comigo sobre eu ser ou não negra. Eu só sabia que eu não era branca, e que o meu cabelo era crespo. Demorou muito gente pra eu poder refletir sobre isso e muito mais ainda pra eu ter convicção sobre o que falar e me assumir, sim, como uma mulher negra de pele clara. E desde pequena eu já ouvia como consolo “tudo bem, Ray, espera. Aguenta agora seu cabelo que quando crescer você alisa”. E adivinha qual era a maior motivação, e o que eu mais queria na minha vida? Crescer. Pra poder alisar o cabelo, pra poder achar que aí sim eu ia me sentir bonita, aceita e enquadrada dentro do que eu acreditava ser um padrão de beleza unânime. Passei toda minha adolescência me escondendo atrás de um longo cabelo

³ Visualizado por 134,2957 mil pessoas, com avaliação de 19 mil “curti” e 390 “não curti”. Verificado em 12/10/2017.

liso, unhas sempre impecáveis e estava sempre buscando e tentando me enquadrar a todas as novas tendências de moda. Não que eu não faça isso hoje (...) mas eu era escrava disso, sabe? Eu acreditava que eu precisava estar na moda, eu precisava trazer as tendências pra minha vida pra eu me posicionar de verdade como uma mulher bonita e confiante. Só que confiança e beleza não tem nada a ver com o externo, é muito mais por dentro. E essas tendências nem sempre combinavam comigo de verdade. Nunca foi fácil assistir aos comerciais de televisão e aos grandes aparelhos incríveis e revolucionários que resolveriam, "resolveriam" a rebeldia do meu cabelo e não ficar constrangida. Ainda mais se tivesse gente por perto, sabe? Eu assistia televisão, aí estava passando um comercial assim "resolva o seu cabelo" e era exatamente o meu cabelo que eles estavam tentando resolver. (...) Dormir na casa das minhas amigas e não ter a menor ideia de como ia ser no dia seguinte pra arrumar o cabelo. Uma vez eu dormi na casa de uma amiga, eu (...) estava na quinta série (...). Eu dormi na casa dela, no dia seguinte eu tinha que arrumar o cabelo. Passei um pouco de água, porque achava que água resolvia tudo, aí eu perguntei: "o que que você acha do meu cabelo?" e ela disse "tá parecendo um ninho de rato". (...) Eu aprendi a viver as minhas cores depois que eu assumi o meu cabelo, e descobri que eu posso viver grandes experiências nos meus melhores e nos meus piores dias com ele. (...) Depois que eu assumi o meu cabelo eu passei a ter uma nova forma de olhar a vida e as outras pessoas. Passei também a ter coragem, ainda mais coragem, de questionar aquelas verdades absolutas vendidas pra mim, durante toda a minha vida, de que eu precisava me enquadrar, ter o cabelo liso pra poder ser aceita. Assumi as minhas cores e passei a olhar a vida de uma forma mais leve, livre, desprendida, sem preconceitos. Depois, e graças a isso, eu descobri o propósito da minha vida, que é inspirar as pessoas a se aceitarem, se assumirem, se amarem, e buscarem o seu próprio caminho em relação a sua beleza. Porque, às vezes, as pessoas podem até me confundir um pouquinho e achar que o único jeito de ser feliz é assumindo o cabelo. Mas não, o importante, o que eu quero te motivar a fazer é questionar, se tudo o que te falaram a vida inteira é realmente verdade. Se você tem que ser magra, se você tem que ser alta, se você precisa ter o cabelo liso ou um corpo perfeito. Acho que não, né? (...) Eu aprendi a incentivar a liberdade de fazer o que te faz feliz, mesmo se for fazer chapinha. (...) E eu aprendi a amar a cor da minha pele, que não é escura o suficiente para alguns, mas é minha, só eu tenho ela. (Transcrição minha)

O depoimento exposto nesse vídeo carrega uma série de fatores interessantes para reflexão como, por exemplo, as práticas corporais exercidas e expostas por Rayza envolvendo o cabelo, que podemos facilmente associar à performatividade, onde Judith Butler (2003) defende que o gênero se dá e se manifesta a partir da estilização do corpo, sendo criado através de atos repetidos neste quadro regulatório social, ao que podemos acrescentar que nesse caso se trata de mecanismos de regulação que intersectam raça e gênero. Para além, podemos associar as experiências de Rayza relacionadas ao cabelo – como ter de alisá-lo por não estar dentro de um “padrão”, os comerciais de televisão e o comentário da amiga – com a relação dos padrões hegemônicos, onde a falta de representação dos negros e o destaque do corpo branco – cabelo liso e pele clara – se destacam e são carregados nos espaços e nas relações sociais. O depoimento da youtuber, realizado no ano de 2017, contrasta com os anteriores produzidos por ela –

seja em publicações no seu canal ou em participações em outros canais. Devido a isso, mostrou-se de grande relevância aos seus inscritos que a youtuber passasse a se reconhecer como negra, principalmente em uma rede social (ambiente público), considerando o grande número de negros que acompanham seu canal e consomem o conteúdo produzido por ela. A youtuber, como “formadora de opinião”, passa a ser uma referência de mulher negra, de maneira distinta a muitas representações e referências encontradas nas mídias – como a própria youtuber relata sobre o comercial que “resolve” os cabelos cacheados. A busca de ressignificação de práticas que abrangem grande grupo de mulheres negras, assim como a representação de uma identidade racial negra, são fatores que auxiliam a refletir como o espaço midiático possibilita ou expõe essa busca da descristalização da imagem de mulher negra até então oferecida nas mídias mais tradicionais. Por outro lado, também expõe a dificuldade, ainda que individual, dessa afirmação e autoidentificação racial. Para complementar essas reflexões, exponho alguns dos comentários mais relevantes deste vídeo, que demonstram essa relação da produtora de conteúdo com seu público:

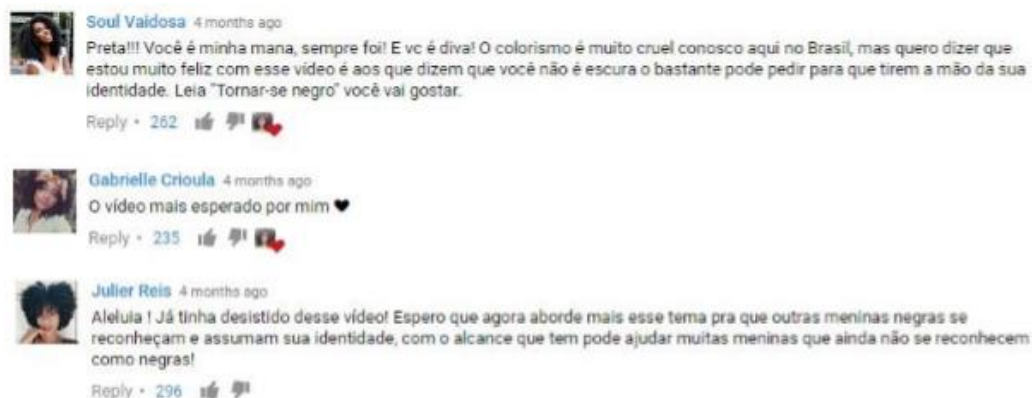


Figura 2 Primeiro comentário avaliado com 262 "curti", o segundo com 235 "curti" e terceiro comentário com 296 "curti".

A relevância destes comentários se mostra a partir do número de likes (curtidas) feito por outros usuários – ambos com mais de duzentas curtidas. Além disso, dois destes comentários receberam retorno da youtuber, representado por sua foto em miniatura com um coração vermelho.

O corpo mostra-se como uma ferramenta essencial de socialização e representação. A partir das práticas corporais, da concepção e do reconhecimento do corpo, as mulheres passam a construir as próprias identidades e identificações. Torna-se, então, uma tarefa difícil – e, talvez, impossível – separar a representação e as práticas corporais do processo identitário. A imagem, as práticas corporais, aparecem e

mostram-se constantemente como ferramenta de interação social e subjetiva. No entanto, essas ferramentas são mergulhadas em conceitos, coerções e preconcepções sociais. Adelman e Ruggi refletem que a própria compreensão do espelho como um "sou eu" é aprendido (LACAN, 1989, apud ADELMAN e RUGGI, 2007, p. 47), e esta representação visual está impregnado de representações sociais e técnicas corporais compartilhadas não só entre eu mesma/o e meu reflexo, mas entre os outros que me cercam (ADELMAN; RUGGI, 2007, p. 47).

A forma como as youtubers produzem os seus conteúdos, expõem os seus corpos, falam e refletem sobre eles, e, de fato, se representam socialmente – tanto pelo caráter reflexivo (ou não) de seus conteúdos, quanto pela própria influencia que adquirem à medida que seu público cresce – são práticas que se transformam em contextos e pontos de socialização e reflexão coletivas. Essas reflexões são importantes, quando pensamos que, de fato, a beleza midiaticizada, e os padrões inalcançáveis, são fontes de descontentamento entre as mulheres (Adelman, 2007). Nesse caso, as mídias digitais possibilitam um novo espaço para uma exposição reflexiva dos corpos, enquanto as imagens, as fotos, os vídeos, passam a fazer parte de uma corporificação virtual. Essas imagens, fazem parte de uma representação do eu online⁴ e são formas de interação, encontro e diálogo.

Longe da ambição de sanar as questões trazidas pelos depoimentos de youtubers e audiência, expus esses discursos com o intuito de ilustrar e refletir os diálogos e questionamentos levantados nestas interações, assim como as reflexões presentes nestes canais, e a forma como as representações e buscas de ressignificações estão sendo expostas.

⁴ Torna importante destacar que a "identidade virtual" aqui não é encarada como uma categoria à parte, mas como uma vivência não-divisível da identidade offline.

REFERÊNCIAS

ADELMAN, M.; RUGGI, L; Corpo, identidade e a política da beleza. *Revista Gênero*, v.7, n. 2, p. 39-63, 1. Sem, 2007.

BURGESS, J ; GREEN, J. *YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade*. São Paulo: Aleph, 2009

BUTLER, J. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DIJCK, J. *La cultura de la conectividad*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2016.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

SANTOS, F; CYPRIANO, C. Produção de subjetividade em blogs e microblogs. *Psicol. Soc.*, Belo Horizonte , v. 26, n. 3, p. 685-695, Dez. 2014.